

MARIA NAS CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA

Alberto Casalegno, sj^[1]

INTRODUÇÃO

Inácio é o primeiro padre da Igreja que fala de Maria. Bispo de Antioquia, na Síria, segundo sucessor de Pedro na cátedra da mesma cidade, foi um personagem fascinante, deixando uma marca na história da Igreja de todos os tempos por causa da sua fé ardente e contagiosa. Manifestou seu amor apaixonado por Cristo através do martírio. Foi enviado para Roma, a capital do Império, para ser devorado pelas feras, “por causa do Nome e da esperança que são comuns a nós” (Ef 1,2), sob o império de Trajano, entre 107-110 d.C.^[2] Pediu explicitamente que ninguém intercedesse em seu favor junto às autoridades romanas, as quais talvez podiam poupar-lhe a morte, afirmando com coragem:

[1] Depois do mestrado em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, obteve o doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Atualmente leciona na Faculdade Católica de Belém. É autor de numerosos livros e artigos.

[2] Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA, in *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995, 71-125. As sete cartas de Inácio são indicadas com as seguintes abreviações: Carta aos Efésios = Ef; Carta aos Magnésios = Mg; Carta aos Tralianos = Tr; Carta aos Romanos = Rm; Carta aos Filadelfienses = Fd; Carta aos Esmirniotas = Es; Carta a Policarpo = Pl.

Escrevo a todas as Igrejas e anuncio a todos que, de boa vontade, morro por Deus, caso vós não me impeçais de o fazer. Eu vos suplico que não tenhais benevolência importuna por mim. Deixai que eu seja pasto das feras, por meio das quais me é concedido alcançar a Deus. Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo (Rm 4,1).

Trata-se de palavras de fogo, que qualificam o seu modo de proceder, ardoroso e devotado, de acordo com o seu nome, pois, na língua latina, Inácio significa “nascido do fogo”. Ele se considera “vítima expiatória” que se oferece em sacrifício por todos (cf. Ef 8,1) e mostra sua personalidade íntegra e decidida, dizendo com sinceridade, embora com um toque de retórica: “Fogo e cruz, manadas de feras, lacerações, desmembramentos, deslocamento de ossos, mutilações de membros, trituração de todo o corpo, que os piores flagelos do diabo caíam sobre mim, com a única condição que eu alcance Jesus Cristo” (Rm 5,3).

Na viagem de Antioquia para Roma, acorrentado e vigiado por “dez leopardos”, isto é, por um destacamento de soldados (cf. Rm 5,1), escreve suas sete cartas às comunidades cristãs que encontra no caminho ou que lhe tinham enviado saudações e palavras de encorajamento. Da cidade de Esmirna envia sua mensagem às comunidades de Éfeso, Magnésia, Trália, na Ásia Menor (cf. Rm 21,1; Mg 15) e, depois, à comunidade de Roma, pedindo que ninguém dificulte sua morte (cf. Rm 2,2). De Trôade, antes de passar da Ásia para a Europa, escreve às comunidades de Filadélfia e de Esmirna, e uma carta particular ao bispo Policarpo, manifestando sua alegria porque a perseguição contra os cristãos de Antioquia terminou (cf. Es 11,2; Pl 7).

Sete cartas que brotam do coração amante e cheio de fé de Inácio, bastante breves, imediatas, sem qualquer consideração suplementar, pois Inácio sabe que os seus destinatários não precisam de muitas palavras, sendo já “repletos de Deus” (Mg 14). Com toda probabilidade, cada uma foi escrita num só dia. A redação apresenta certa repetitividade^[3], mas oferece preciosas informações quer a respeito dos perigos da Igreja entre o primeiro e segundo século, quer em relação à sua organização e aos valores básicos da existência autenticamente evangélica.

Para entender o valor da reflexão mariana de Inácio, é preciso descrever brevemente a situação da Igreja do seu tempo.

1 SITUAÇÃO ECLESIAL

No final do século I, a Igreja é ameaçada pela heresia gnóstica, baseada numa visão dualista da realidade, assim como realçam as cartas de João, o Apocalipse, a carta de Judas e vários outros textos do Novo Testamento, redigidos no mesmo período. A matéria e a corporeidade representam uma prisão, da qual o ser humano deve se libertar, passando do mal para o bem, das trevas para a luz. Isso se torna viável por meio da *gnose*, isto é, pelo conhecimento da fa-

[3] Após a saudação inicial, o autor normalmente reconhece os elementos positivos que caracterizam a vida da comunidade. Recomenda a fuga das heresias, exortando os cristãos a serem submissos ao bispo, garantidor da genuinidade da fé. Todas as cartas terminam com uma saudação final e algumas advertências, pedindo orações pela Igreja que está na Síria (cf. Ef 21,2; Mg 14) e, em particular, para que ele seja forte no momento do martírio. A mesma repetitividade encontra-se nas sete cartas do Apocalipse, dirigidas às Igrejas ao redor de Éfeso, por onde Inácio passou (2,1-3,21).

isca divina, da essência imortal, que caracteriza cada ser. Desde a criação, esta ficou cativa do mundo inferior. Esse conhecimento, reservado a poucos eleitos, depositários da verdadeira sabedoria, se torna um caminho de iluminação mística que conduz à salvação. O seguidor da gnose, afastando-se do mundo sensível, funesto e enganador, pode reestabelecer a unidade perdida, voltando para o *pleroma* de onde decaiu, a saber, para o mundo transcendente de Deus, o qual, na sua plenitude e totalidade, sobrepuja infinitamente o mundo criado. Para isso acontecer, além de confiar no conhecimento salvífico que ele possui, é preciso superar vários obstáculos, vencendo os espíritos malignos, os arcontes, os quais habitam nas múltiplas esferas que cercam a terra, através de fórmulas mágicas, relacionadas com ensinamentos esotéricos e ritos batismais. A vida ética pode ser considerada secundária, quando o conhecimento salvífico fica firme, iluminando a caminhada. Com muita ousadia, o gnosticismo coloca, então, o ser humano no centro do universo; somente com suas forças, ele pode voltar para o divino e alcançar a salvação.

O perigo representado para o cristianismo por essa ideologia é evidente. De fato, a gnose procurou corromper o conteúdo autêntico da fé cristã, afirmando que o corpo humano de Jesus é mera aparência (docetismo). Ele não salvou o mundo por meio da sua morte e ressurreição; um salvador do mundo é desnecessário, pois a libertação é alcançada pela sabedoria que vem do alto. Inácio censura asperamente esta perspectiva que esvazia, por completo, o anúncio do evangelho, encontrando guarida nos cristãos fracos. Na carta aos Esmirniotas (5,2), chama os hereges de blasfemadores “contra o meu Senhor, confessando que ele não se encarnou”,

dizendo que renegam completamente a Jesus, tornando-se portadores de morte. Os partidários da gnose oferecem, pois, uma falsa interpretação do mistério cristão, misturando “Jesus Cristo consigo mesmos” [...], oferecendo “veneno mortal misturado com vinho melado” (Tr 6,2). Desta forma, o autor salienta que a encarnação do Verbo é algo básico para fé cristã, não um elemento acessório.

Embora nunca mencionando o nome dos hereges, Inácio os qualifica de “infiéis” (Es 5,3), “mal fermento, velho e ácido” que exala mal cheiro (Mg 10,2), “erva estranha”, “más plantas parasitas” que produzem “fruto mortal e quem o experimenta morre imediatamente” (Tr 6,1; Fd 3). “Não são a plantação do Pai”, pois neles não aparecem “os ramos da cruz” (Tr 11,1-2). As denominações negativas se multiplicam: os seguidores da doutrina gnóstica são “lobos” (Fd 2,2), “feras em forma humana” (Es 4,1), “cismáticos” que têm “conhecimentos estranhos”, recusando a paixão do Senhor (Fd 3,3), “estelas e túmulos de mortos” os quais oferecem uma sabedoria simplesmente humana (Fd 6,1) ou “velhas fábulas que são inúteis” (Mg 8,1), em oposição “ao pensamento de Deus” (Es 6,2). Trazem em si, portanto, “a marca deste mundo” (Mg 5,2).

Nas suas cartas, Inácio fala também do judaísmo como adversário da fé cristã, afirmando: “É absurdo falar de Jesus Cristo e ao mesmo tempo judaizar. Não foi o judaísmo que acreditou no cristianismo, pois nele se reuniu toda língua que acredita em Deus” (Mg 10,3). Na carta à Igreja de Filadélfia, também escreve: “Se alguém vos interpreta o judaísmo, não o escuteis, porque é melhor ouvir o cristianismo de homem circuncidado do que o judaísmo de homem incircunciso” (Fd 6,1). O autor pode referir-se ao judeo-cristianismo herético,

de tendência ebionítica^[4], que exige a observância de todos os mandamentos e em particular da circuncisão, aceitando também Jesus como Messias, porém, não como Deus, pois não nasceu de uma virgem, mas foi gerado por José e Maria, e se tornou Filho de Deus no batismo, sendo o último grande profeta de Israel^[5]. Recusando, então, que Jesus “veio na carne” (1Jo 4,2), evoluem rapidamente para o gnosticismo. A gnose é sempre o grande inimigo da fé cristã no começo do século II.

Inácio critica com firmeza os desvios morais dos partidários da heresia e dos cristãos corruptos por causa da falta de fé na encarnação do Verbo: “Não se preocupam com o amor, nem com a viúva, nem com o órfão, nem com o oprimido, nem com o prisioneiro ou liberto, nem com o faminto e sedento” (Es 6,2). Determina-se, assim, um enfraquecimento na caridade, criando divisões difíceis de ser superadas (cf. Fd 6,2). Outra consequência para os fiéis corrompidos é que “se afastam da eucaristia e da oração, porque não professam que a eucaristia é a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, que sofreu por nossos pecados e que, na sua bondade, o Pai ressuscitou” (Es 7,1). Tudo isso é o resultado lógico da consideração negativa do mundo material, pensando que o mero conhecimento da origem divina das almas permita a salvação, superando as contradições da história.

^[4] Os ebionitas, presentes na Palestina desde o século II, misturam elementos cristãos e elementos judaicos. Constituem uma ramificação do cristianismo primitivo que considera Paulo como um apóstata, por não reconhecer o valor da circuncisão. O nome significa “pobre” e pode proceder do fato de que os padres da Igreja diziam que o grupo tinha pensamentos pobres a respeito de Cristo.

^[5] Eusébio de Cesareia, na sua *História eclesiástica* (III, 27), e Epifânio de Salamina, no seu *Panarion* (30), nos informam a respeito dos ebionitas, afirmando que existia um “evangelho dos Ebionitas”, inspirado no evangelho de Mateus, mas mais breve.

Lamentando a triste situação, Inácio exorta as Igrejas a se precaverem das “feras”: “Não só não deveis recebê-las, mas, se possível, sequer encontrá-las” (cf. 2Jo 10), recomendando: “Convém para vós manter-se distantes dessas pessoas e não falar com elas, seja em particular, seja em público” (Es 7,2). Ao mesmo tempo, porém, pede que se reze pela mudança interior dos cristãos relaxados, “para que possam converter-se, o que é difícil” (Es 4,1)^[6]. Em particular, exorta a viver na unidade, no amor e no respeito mútuo (Mg 6,2; Tr 8,2). A insistência com que Inácio realça a importância da união com Deus e com Jesus ressuscitado, garantida pela união com o bispo, líder da comunidade e representante de Cristo neste mundo, pode ser considerada um dos temas básicos da sua teologia^[7]. Com uma imagem inspirada a um instrumento musical, afirma que a unidade deve ser “como as cordas à cítara”, tornando-se “um só coro” (Ef 4,1-2).

Levando em conta a situação histórica da sua época, Inácio fala de Maria de forma sóbria, sempre em relação a Cristo, destacando a importância fundamental da fé na encarnação do Verbo, recusada pelos gnósticos, única condição de salvação para o ser humano, feito de carne, alma e espírito, chamado a entrar na glória de Deus, reconhecido como filho no Filho Jesus.

^[6] Também na carta a Policarpo, o autor lembra a necessidade de submeter “com mansidão os mais contaminados”, levando em conta que “nem toda ferida se cura com o mesmo emplastro” (Pl 2,1).

^[7] Cf. Mg 6,1; 7,1; 13,1-2; 7,1; Tr 2,2; Es 8,1-2; Fd 4; 7,1; 8,1.

2 AFIRMAÇÕES MARIOLÓGICAS

2.1 Carta aos Efésios

Na carta à comunidade de Éfeso (7,1-2), diante das ameaças da gnose, Inácio exorta os fiéis a evitarem “os cães raivosos que mordem sorrateiramente”, cujas “mordidas são difíceis de curar”. Nesta circunstância, destaca que Jesus é o único médico capaz de restituir a saúde a quem caiu nas armadilhas dos hereges. Escreve:

“Há apenas um médico,
carnal e espiritual,
gerado e não gerado,
Deus feito carne,
filho de Maria e filho de Deus,
vida verdadeira na morte,
vida primeiro passível e agora impassível,
Jesus Cristo nosso Senhor”.^[8]

A frase é bem organizada. No começo, realça-se que há um só médico, cuja identidade é indicada no final da frase, afirmando que esse médico é “Jesus Cristo nosso Senhor”. A expressão, com o adjetivo possessivo “nosso”, manifesta o afeto por Jesus tanto por parte de Inácio como de toda a comunidade à qual escreve. No centro do texto, por meio de oposições constantes, apresenta-se a verdadeira identidade de Jesus, destacando tanto sua natureza humana como sua natureza divina. Jesus é o Deus feito carne, gerado no tempo (*genētós*); é filho de Maria, embora seja filho de Deus, aliás

^[8] Cf. *Patrologia Graeca* V, 649-651.

Deus, gerado pelo Pai desde a eternidade e, enquanto tal, não feito no tempo (*agénētos*). É um homem de carne e ossos, mas, ao mesmo tempo, é “espiritual”, habitado pelo Espírito Santo de Deus. Realça-se, dessa forma, que Jesus é Filho de Deus em sentido próprio e, por conseguinte, é preexistente à criação. Porém, o seu nascimento biológico, da pessoa humana de Maria, não pode ser colocado em dúvida, pois, aceitando a morte, chegou à ressurreição, alcançando a vida verdadeira, passando de uma condição de existência passível e transitória para uma existência impassível e gloriosa. Enquanto Verbo que veio na carne e ressuscitou, Jesus é a causa da redenção de todo o gênero humano e de toda a criação. Nesse plano de salvação, cuja origem é a misericórdia do Pai, Maria é a mulher escolhida. Ela tem uma relação toda particular com Deus, “uma relação quase sponsal”, como alguns autores afirmaram.

Todo o querigma parece estar condensado nesta expressão sintética, mas muito relevante, de Inácio. A frase tem algo em comum com a fórmula encontrada na carta de Paulo aos Romanos (1,3-4) que, com toda probabilidade, o Apóstolo recebeu da tradição oral. Ela também é formada por um paralelismo antitético para destacar a dimensão humana de Jesus e sua filiação divina. Declara-se, pois, que o evangelho de Deus diz respeito a seu Filho “nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo nosso Senhor”. Também na primeira carta a Timóteo (3,16), reconhecendo que “grande é o mistério da piedade”, destacam-se, de forma sintética e progressiva, as etapas da existência de Jesus, o qual foi “manifestado na carne, justificado no Espírito, contemplado pelos anjos, proclamado às nações, crido no mundo, exaltado na glória”. À

luz desses textos bíblicos, a expressão de Inácio na carta aos Efésios parece uma fórmula de fé, um dos primeiros “credos”, talvez utilizado na Igreja primitiva pelas comunidades cristãs, antes das definições dos concílios.

O caráter é claramente cristológico. A pessoa de Maria é mencionada para indicar que Jesus se tornou verdadeiramente carne. Com isso, o autor afirma que a encarnação do Verbo não é um mito, como os gnósticos pensavam, mas uma realidade concreta que faz parte da nossa história, visitada por Deus. Inácio não usa o termo “virgem” ou a expressão “bem-aventurada entre as mulheres”, frases que poderiam ser menos eficazes para destacar a realidade do evento da encarnação, mas menciona Maria com o seu próprio nome, pois a ação de Deus está ligada a uma pessoa histórica particular. Proclama, assim, que Jesus é verdadeiramente “o homem-Deus”, verdadeiro filho de Deus e verdadeiro filho de Maria. Maria, então, é uma figura necessária e imprescindível no mistério da salvação. Sem ela, o Verbo não poderia habitar entre nós.

Inácio continua lembrando a figura de Maria no final da carta aos Efésios (18,2), declarando: “O nosso Deus Jesus Cristo, segundo a economia de Deus, foi levado no seio de Maria (*ekuophorēthē*), da descendência de Davi e do Espírito Santo. Ele nasceu (*egennēthē*) e foi batizado, para purificar a água na sua paixão”.

De forma muito realista, realça-se a gestação de Maria, sua gravidez e seu parto, talvez aprofundando a expressão anterior da mesma carta: “filho de Maria e filho de Deus”. Enquanto “filho de Davi”, Jesus é um ser plenamente humano, real e mortal, que viveu num espaço e num tempo determinado, porém é fruto do Espírito Santo. Afirmando que Jesus foi levado no “seio de Maria”, Inácio não quer falar somente da gravidez de Maria, mas alude também à sua concepção

virginal, como, logo em seguida, ele mesmo realça de forma explícita, mencionando a “virgindade de Maria” (*hē parthenía Mariás*). Esta ficou escondida ao príncipe deste mundo, assim como seu parto (*ho toketós*) virginal e a morte do Senhor. Na frase, então, Inácio destaca, em primeiro lugar, a virgindade de Maria, pressuposto da vinda do Filho de Deus entre os homens e do seu mistério redentor.

Seu pensamento a respeito de Maria concorda plenamente com os evangelhos. Eles declaram que sua virgindade é uma certeza de fé, desde o início da Igreja. Com efeito, Mateus escreve: “o que nela foi gerado vem do Espírito Santo” (1,20) e Lucas coloca nos lábios de Maria, como resposta ao anjo Gabriel que lhe anuncia o nascimento do Messias, as palavras: “como é que vai ser isso, se eu não conheço homem” (1,34), nas quais o verbo “conhecer” indica a relação íntima entre casais (Gn 4,25).

Ainda uma vez, nas últimas linhas da carta, Inácio insiste no fato de que Jesus Cristo é “da descendência de Davi, segundo a carne, filho de homem e filho de Deus” (20,2), com a constante intenção de realçar a realidade da encarnação, contra toda visão gnóstico-docetista.

2.2 Carta aos Tralianos

Também na carta à Igreja de Trália, Inácio fala do papel de Maria em relação à humanidade do Verbo, alertando os cristãos sobre os perigos da gnose:

Sede, portanto, surdos quando alguém vos fala sem Jesus Cristo, da linhagem de Davi, nascido de Maria, que verdadeiramente nasceu, que comeu e bebeu, que foi verdadeiramente perseguido sob Pôncio Pilatos, que foi verdadeira-

mente crucificado e morreu à vista do céu, da terra e dos infernos. Ele verdadeiramente ressuscitou da morte, pois o seu Pai o ressuscitou, e da mesma forma o seu Pai ressuscitará em Jesus Cristo também a nós que nele cremos e sem o qual não temos a verdadeira vida (Tr 9,1-2).^[9]

Na exortação, destacam-se os vários momentos da vida histórica de Jesus, os quais alcançam seu cume no evento pascal. Sua morte acontece à vista do céu, da terra e dos infernos, tendo um poder de resgate universal e a sua ressurreição, outorgada-lhe pelo Pai, é a fonte da vida para toda a criação. Dela se beneficiarão todos que acreditam no Filho. O advérbio “verdadeiramente” (*alēthōs*), repetido quatro vezes, destaca o realismo da obra de Deus neste mundo, longe de qualquer perspectiva gnóstica. Inácio repete que Jesus “nasceu” (*egennēthē*) de Maria, usando um verbo *gennaō*, o qual indica a geração humana, a saber, dar a vida a um ser da mesma espécie, como se encontra nas narrativas veterotestamentárias dos patriarcas (cf. Gn 4,17-18; 5,1-32) e nos sinóticos a respeito de toda pessoa gerada pelos pais (cf. Mt 1,1-17). É interessante o pormenor de que Jesus “comeu e bebeu” (*éphagēn te kai épien*) o qual, de forma explícita, salienta sua dimensão humana, como realçam os sinóticos, nos quais Jesus é qualificado com menosprezo por sua geração “um glutão e beberrão” (Mt 11,19; Lc 7,34).

Também esse texto deve ter tido bastante importância para a formulação do Símbolo apostólico, pois nele se encontra o esquema básico da fé cristã. Isto significa que a tradição de Igreja, presente na carta de Inácio, era bem definida desde as primeiras gerações. Maria é mencionada como a que deu

^[9] Cf. *Patrologia Graeca* V, 681-682. Ver também Mg 11.

à luz a Jesus. Sem ela, o projeto misericordioso de Deus não poderia se realizar.

Em contraposição à afirmação da encarnação histórica do Verbo, logo em seguida, Inácio censura os gnósticos, qualificando-os de “ateus”, dizendo que para eles “Jesus sofreu apenas aparentemente (*tò dokeîn*)”. O advérbio “verdadeiramente” opõe-se ao termo “aparentemente”, realçando a incompatibilidade entre as duas interpretações do evento cristão. O erro é colocado em destaque e Inácio condena os hereges, dizendo serem eles que vivem na aparência, não se dando conta do genuíno anúncio do evangelho (Tr 10; cf. Es 2). Negando a verdadeira humanidade do Verbo, negam também os sofrimentos de Jesus e Inácio desafia seus adversários, respondendo com ironia que nesse caso não teria sentido enfrentar a luta contra as feras que ele está prestes a travar: “Será por nada que estou me entregando à morte?”.

2.3 Carta aos Esmirniotas

Na carta à Igreja de Esmirna, aparece também a menção a Maria. O texto procura sustentar a fé da comunidade, reconhecendo que o modo de proceder dos fiéis está correto:

Estais plenamente convencidos de que nosso Senhor é verdadeiramente da descendência de Davi segundo a carne, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus, nascido verdadeiramente da virgem, batizado por João, para que toda a justiça fosse cumprida por ele. Ele foi verdadeiramente pregado por nós em sua carne, sob Pôncio Pilatos e o tetrarca Herodes. É graça a esse fruto, à sua divina e feliz paixão, que nós existimos, a fim de erguer

para sempre um estandarte pela ressurreição para os seus santos e fiéis, tanto judeus como pagãos, no corpo único da sua Igreja (Es 1,1-2).^[10]

Como na carta aos fiéis de Trália, Inácio anima os cristãos a ficarem fiéis ao Cristo anunciado pelos evangelhos, repetindo constantemente o advérbio “verdadeiramente” a respeito do seu nascimento, batismo, morte e ressurreição. Na frase, realça-se, em particular, a realidade da morte e da ressurreição de Jesus, refutando a opinião dos incrédulos, os quais pensam que, na vida futura, serão “sem corpos e semelhantes a espíritos”. Inácio não tem dúvida de que a ressurreição é um evento real, tanto para Jesus como para os seres humanos. Escreve pois: “Quanto a mim, sei e creio que, mesmo depois da ressurreição, ele estava na sua carne”, baseando-se nas próprias palavras de Jesus aos discípulos após sua ressurreição: “Pegai, tocai-me, e vede que eu não sou espírito sem corpo’ (Lc 24,39)”, e acrescentando: “e imediatamente eles o tocaram e, ao contato com a sua carne e seu espírito acreditaram”.

Na mesma carta à Igreja de Esmirna, Inácio menciona também as aparições de Jesus aos apóstolos, outro elemento básico do Credo primitivo. Como em At 10,41, nota que “depois da ressurreição, [Jesus] comeu e bebeu junto com eles, como um ser de carne, embora espiritualmente unido ao Pai”. Desta forma, afirma tanto a corporeidade de Jesus histórico como a transfiguração da sua pessoa na ressurreição, realizada pelo Pai.

A carne não pertence, pois, ao mundo negativo da matéria, da qual é necessário se livrar para chegar a Deus, mas é destinada a entrar na glória do Altíssimo, em virtude da

^[10] Cf. *Patrologia Graeca* V, 707-708.

redenção realizada no evento pascal. Inácio antecipa, dessa forma, a afirmação de Tertuliano: “*Caro cardo salutis*”, isto é, a carne é o princípio da salvação^[11]. Também nesse trecho Maria recebe um destaque especial, sendo lembrada entre os personagens históricos influentes: Pôncio Pilatos e Herodes, que desempenharam um papel relevante na vida pública de Jesus. Não é lembrada com o seu nome, mas como “virgem” (*parthénos*), virgem em sentido pleno, a única virgem da qual nasceu verdadeiramente um filho^[12]. Junto com ela, menciona-se a Igreja, que pertence a Cristo como o seu “corpo”, formada tanto por judeus como por gregos, apontando para a relação entre Maria e a Igreja, já presente no quarto evangelho (cf. Jo 19,25-27) e desenvolvida na reflexão teológica seguinte.

2.4 Afirmações de outros padres

De acordo com a posição de Inácio, diante do perigo das heresias, outros autores do século II, unânimes, insistiram no realismo da fé cristã. Refiro-me nesta análise somente a dois deles. Aristides de Atenas, na sua *Apologia segundo os fragmentos gregos*, escreve: “Os cristãos descendem do Senhor Jesus Cristo e este é confessado como Filho do Deus Altíssimo no Espírito Santo, descido do céu para a salvação dos homens. Gerado de uma virgem santa, sem germe nem corrupção, encarnou-se e apareceu aos homens, para afastá-los do erro do politeísmo” (15,1).

[11] TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti* (A ressurreição dentre os mortos) 8,1, Roma: Città Nuova, 1990, 62 (cf. Corpus Christianorum 2,931).

[12] E.M. TONIOLO, *La Vergine Madre di Dio nei primi Padri della Chiesa*, Roma: Centro di Cultura Mariana “Madre della chiesa” Edizioni, 1988, <<http://www.culturamariana.com/pubblicazioni/Padri/Padri.pdf>>. Ver na web também o site: <<http://www.latheotokos.it/modules.php?name=Encyclopedia&op=content&tid=4889>>.

De forma mais completa e demonstrativa, à luz do relato da genealogia em Mt 1,1-17, Justino, na sua *Primeira Apologia*, redigida por volta do 155 d.C., realça que Jesus é membro do povo de Israel, verdadeiro homem cujos ancestrais são conhecidos: “Foi concebido pela força de Deus por uma virgem descendente de Jacó, que foi pai de Judá, antepassados dos judeus, de quem eu já falei. Segundo o oráculo, Isaí foi o seu avô e Cristo, segundo a sucessão das gerações, é filho de Jacó e de Judá” (1Ap 32,13).

Comentando o texto de Is 7,14, a respeito do nascimento do Messias de uma virgem, acrescenta: “Eis que uma virgem conceberá’ significa que a concepção será sem relação carnal, pois se esta houvesse, ela não mais seria virgem; mas foi com a força de Deus que veio sobre a virgem e a cobriu com sua sombra e fez com que ela concebesse permanecendo virgem” (1Ap 33,4).

Confessando a fé transmitidas pelas “memórias dos apóstolos”, isto é, pelos evangelhos, no *Diálogo com Trifão*, critica duramente os que acreditam que Jesus “foi apenas homem e que por eleição foi ungido e tornado Cristo” (49,1). De fato, Jesus “é o Unigênito do Pai de todas as coisas, particularmente nascido deste como Verbo e Potência, e depois nascido da virgem como homem” (105,1). Justino afirma, assim, tanto a humanidade como a preexistência do Verbo, sua geração divina e seu nascimento no tempo^[13].

Inácio foi o primeiro a defender com energia a genuína fé cristã, recusando com firmeza a falsa interpretação dos gnósticos, e outros ilustres autores o seguiram.

[13] A respeito de Aristides e Justino, ver respectivamente: *Padres Apologistas e Justino de Roma*, São Paulo, Paulus, 1995.

3 O MISTÉRIO SILENCIOSO DE DEUS

Inácio percebe que o nascimento do Verbo da virgem Maria, assim como seu parto e a morte do Senhor, representam uma realidade de fé que sobrepuja toda compreensão humana. Trata-se de “mistérios retumbantes que foram realizados no silêncio de Deus” e ficaram escondidos ao homem deste mundo (Ef 19,1). Usa a categoria “silêncio”, relacionada com “mistério”. Essa categoria corresponde à expressão “segredos de Deus” (Fd 9,1), para indicar o que o ser humano nunca poderia esperar. O tema do “silêncio” volta em Mg 8,2, em que o autor afirma que Deus “se manifestou por meio de Jesus Cristo seu Filho, que é o seu Verbo saído do silêncio”. Também Paulo, na carta aos Romanos, declara que Jesus representa “o mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos”, manifestado pelos escritos proféticos e revelado a todos os gentios por disposição divina (16,25-26).

Silêncio não é oposto à palavra, pois também através do silêncio é possível estabelecer um diálogo. Aliás, as comunicações mais profundas entre os seres humanos acontecem no silêncio. Deus pode manifestar-se somente no silêncio, pois transcende toda realidade criada. De fato, “o homem não pode ver a Deus e continuar vivendo” (Ex 33,20). O silêncio de Deus, porém, é eloquente porque ele se revela através das obras. A criação e a redenção falam dele; com efeito “os céus cantam a glória do Senhor e o firmamento, a obra de seus dedos” (Sl 19,2). Para que esta linguagem seja percebida, exige-se, por parte do ser humano, uma atitude dinâmica que saiba interpretar a realidade e compreender o seu sentido, descobrindo quem é o doador dos bens que lhe são oferecidos. Deus dá, não impõe, respeitando a liberdade do homem. Na maioria das vezes, a pessoa deste mundo, vítima

do barulho e de uma visão antropocêntrica e autorreferencial da existência, característica da cultura contemporânea, não entende. Aliás, é levada a considerar a revelação como uma ilusão, uma utopia que não merece crédito.

Para Inácio, Jesus não é uma utopia. É o mistério silencioso de Deus, pois “antes dos séculos estava junto do Pai e por fim se manifestou” (Mg 6,1) e, “estando agora com o seu Pai, se torna manifesto ainda mais” (Rm 3,3). Com a expressão “antes dos séculos” e o advérbio “agora”, Inácio salienta que Jesus saiu do silêncio e voltou ao silêncio. Trata-se da confissão de fé na divindade de Jesus. Por isso, movido por esta convicção, Inácio exorta Policarpo, bispo de Esmirna, a esperar: “Aquele que está acima do tempo, atemporal, invisível, mas que se tornou visível para nós; aquele que é impalpável e impassível, mas que se tornou passível por nós, e por nós sofreu de todos os modos” (Pl 3,2).

Para ajudar a entender o mistério do Verbo, saído do segredo, Inácio usa o simbolismo, a linguagem poética. Compara Jesus a uma luz brilhante que ilumina o universo.

Um Astro brilhou no céu mais que todos os astros, sua luz era indizível e sua novidade causou admiração. Todos os astros, juntamente com o sol e a lua, formaram coro entorno do astro, e ele projetou sua luz mais do que todos. Houve admiração. Onde vinha a novidade tão estranha a eles? Então, toda magia foi destruída, e todo laço da maldade abolido, toda ignorância dissipada e todo reino foi arruinado, quando Deus apareceu em forma de homem (Ef 19,2-3).

Só a linguagem figurada permite entender algo da realidade que sobrepuja o intelecto humano, apontando para ela, sem apoderar-se dela. Chama atenção a última expressão do

texto: “o próprio Deus apareceu em forma de homem”, a qual reafirma, de forma explícita, a divindade do homem Jesus, de acordo com o evangelho de João. Nele declara-se que o Verbo era Deus, que o Verbo se fez carne, que “o Unigênito Deus que estava no seio do Pai” se identifica com Jesus (Jo 1,1.14.17.18). Inácio repropõe, assim, de forma pessoal, o anúncio da Igreja primitiva, sabendo que é a verdade que salva.

Jesus é, pois, a novidade absoluta vinda neste mundo, “o homem novo” por meio do qual começa a renovação de todas as coisas (Ef 20,1), “a boca que não mente” (Rm 8,2). Por isso, representa o mistério do Pai que procede do silêncio. Nenhuma religião fez ou faz afirmações semelhantes, pois aos olhos dos homens esse anúncio é “escândalo” e “loucura” (1Cor 1,23). Inácio sabe disso, pois confessa: “O cristianismo, ao ser odiado pelo mundo, mostra não ser obra de persuasão, mas de grandeza” (Rm 3,3). Por conseguinte, aceita viver, na sua pessoa física, o escândalo da cruz, ficando alegre de morrer por Cristo.

Além da palavra “mistério”, Inácio usa também a categoria “economia”, mais abrangente, que indica o plano de salvação que começa com Abraão, passa por Maria e pela cruz do Senhor, para oferecer a todos vida e salvação (Ef 18,2). O termo aparece também na carta aos Efésios, referido ao “homem novo, Jesus Cristo” (Ef 20,1), destacando o plano salvífico de Deus. Ele se realiza plenamente na pessoa de Jesus morto e ressuscitado, isto é, com “a vinda do Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo, sua paixão e sua ressurreição” (Fd 9,2). Para Inácio, “economia” equivale à “decisão” por parte de Deus que consiste em destruir a morte e libertar o ser humano (Ef 19,3). Por isso, confessa: “Meus arquivos invioláveis são a sua cruz, sua morte, sua ressurreição e a fé que vem dele” (Fd 8,2), entendendo por “arquivos” as realidades

mais importantes, guardadas no interior do seu coração. À luz dessas convicções, Inácio pode afirmar que “o evangelho é a consumação da incorruptibilidade” (Fd 9,2).

Ele dá-se conta de que a ação misericordiosa de Deus exige uma resposta por parte do homem. Também essa resposta precisa ser dada no silêncio, como foi silenciosa a vida do Cristo (cf. Ef 15,2). Nesse caso, “silêncio” significa calma, reflexão, interiorização da Palavra, atenção à ação do Espírito que trabalha no coração de quem acredita. Trata-se da mesma recomendação dos profetas: “O Senhor está no seu templo santo: terra inteira, silêncio diante dele” (Hab 2,19; cf. Is 41,1; Zc 2,17; Sl 76,9).

A resposta consiste, em primeiro lugar, “na fé nele e no amor por ele, no seu sofrimento e sua ressurreição” (Ef 20,1). Além disso, Inácio não cansa de lembrar a importância do compromisso cristão. Pois, em força do batismo recebido (cf. Es 8,2; Pl 6,2) e da eucaristia que é “antídoto para não morrer” (Es 7,1; 8,1; Ef 20,2), os fiéis devem viver uma vida nova “como companheiros de viagem”, portadores de Deus, de Cristo e do Espírito Santo (Ef 9,2), inabaláveis na perseverança (Tr 1,1) e na oração (Tr 13,1; Pl 1,3), crucificando seus desejos terrestres e manifestado sua fé com obras concretas (Pl 6,2). Sua tarefa é “glorificar em todos os modos a Jesus Cristo” (Ef 2,2), cantar “a uma só voz, por meio de Jesus Cristo, um hino ao Pai”, para serem reconhecidos como pedras no templo do Pai, “levantadas pela alavanca de Jesus Cristo, que é a cruz, usando a corda, que é o Espírito Santo” (Ef 9,1), pois o cristão sabe que a vida é como um parto (Rm 6,1), por meio do qual se chega à luz pura (6,2), para viver em Cristo para sempre (Ef 20,2), e receber a herança prometida (Rm 1,2; 8,3). O ideal é “viver segundo a verdade” (2Jo 4; 3Jo 3), não se deixando amedrontar pelas heresias, permanecendo firmes “como a bigorna sob os golpes do

martelo" (Pl 3,1). Esse é o modo de proceder da "Igreja católica", pois "onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja católica" (Es 8,2)^[14].

4 OBSERVAÇÕES

No epistolário de Inácio de Antioquia, a figura de Maria tem um desenvolvimento limitado, porém uma importância capital para realçar a identidade de Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. O fato de ele nascer de uma mulher garante a sua pertença à história humana. Ele não é uma fábula ou uma alegoria. Maria é lembrada com o seu nome e por sua concepção virginal, pois Inácio fala da "virgindade de Maria" ou a qualifica simplesmente como "virgem". Ela faz parte integrante do plano de salvação de Deus em favor da humanidade. Por isso, não se pode falar de Cristo sem levar em conta Maria, sempre reconhecendo que a mariologia está subordinada à cristologia, de acordo com o anúncio do Novo Testamento.

Dessa forma, Inácio destaca que o Verbo veio verdadeiramente na carne, que a carne é uma realidade positiva, criada e passível de redenção, que toda a criação é amada por Deus, pois ele "tudo criou para que subsista; as criaturas do mundo são salutares: nelas não há veneno de morte nem domínio da morte na terra, porque a justiça é imortal" (Sb 1,14-15). O dualismo gnóstico não encontra espaço na revelação bíblica, na qual se declara: "Sim, tu amas tudo o que criaste, não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesses odiado, não a terias feito. E como poderia subsistir alguma coisa, se não a tivesses querido? Como conservaria sua existência, se não a tivesses chamado?" (11,24-25). Nega-se, as-

^[14] Inácio é provavelmente o primeiro padre a usar a expressão "Igreja católica", distinguindo a Igreja na sua totalidade das Igrejas particulares.

sim, a convicção básica da gnose, segundo a qual a matéria é má em si, fonte do mal, prisão da alma, da qual o ser humano deve libertar-se por meio de um conhecimento superior.

Pode ser interessante saber que, nos textos gnósticos posteriores a Inácio, às vezes se encontra a afirmação de que o Verbo nasceu da virgem por obra de um espírito santo qualquer. Trata-se, porém, de declarações puramente nominais, as quais negam que Jesus seja verdadeiramente o Verbo consubstancial ao Pai, e o Espírito, que cobriu Maria com a sua sombra, uma das pessoas da Santíssima Trindade. Recusa-se, portanto, a real participação de Maria no evento da encarnação, realçando que a concepção foi realizada pelo próprio Verbo, considerado como emanção de Deus. Isso mostra como a gnose, procurando se apoderar do anúncio cristão, o desfigurou totalmente.

A respeito, é suficiente citar o texto gnóstico da *Pistis Sophia* I, 8, escrito entre os anos 250-300 d.C., encontrado no Egito, na biblioteca de Nag Hammadi, em 1945:

E Jesus prosseguiu dizendo: “Aconteceu então que, por ordem do Primeiro Mistério, olhei para baixo, para o mundo dos homens, e encontrei Maria, que é chamada de “minha mãe” de acordo com o corpo material. Então falei com ela na forma do Anjo Gabriel; quando ela se voltou para o Alto, em minha direção, lancei nela o primeiro Poder que recebi de Barbelo, que é o corpo que eu usava no Alto. E no lugar da alma, lancei nela o Poder que recebi do Grande Sabaoth, o Bom, que está na região da Direita.^[15]

[15] A biblioteca é uma coleção de treze códigos de papiro, embrulhados em couro, encontrados perto da cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito. Contém textos sobre cinquenta e dois tratados que, na maioria, são gnósticos. Cf. *Pistis Sophia* I, 62, <<http://www.pentagrama.org.br/livros/misterios-gnosticos-pistis-sophia.pdf>>.

O texto afirma claramente que Jesus não é o Verbo preexistente de Deus, que Maria não gerou biologicamente Jesus, pois o corpo humano de Jesus é aparente. O que pode ser chamado de seu verdadeiro corpo é obra dele mesmo. Depois de Inácio, outros gnósticos declararam, mais simplesmente, que Jesus foi somente um homem, nascido da relação conjugal entre José e Maria, esvaziando o mistério da encarnação. Isso mostra como, também na Antiguidade, foi difícil aceitar a mensagem cristã na sua genuinidade, sem destorcê-la.

O estudo das cartas de Inácio nos mostra que sua reflexão sobre Maria é circunscrita e essencial. Sua brevidade não deve maravilhar. Também Paulo se limita em afirmar que Jesus nasceu de mulher (Gl 4,4). A dimensão mariológica é mais desenvolvida nos sinóticos, mas quase ausente nos outros livros do Novo Testamento, com exceção do Apocalipse, no qual o grande sinal da mulher vestida de sol pode indicar tanto Maria que gera o Messias, quanto a Igreja perseguida pelo poder totalitário romano, representado pelo dragão que quer acabar com a fé cristã. Nos sinóticos, Maria é a cheia de graça (cf. Lc 1,28); recebe a missão de ser mãe do Messias (1,28). É a virgem que concebeu por obra do Espírito Santo (1,35; Mt 1,20), a bendita entre as mulheres, por meio da qual brotou a fé sobre a terra (Lc 1,45), aquela que escuta a palavra de Deus e a observa (11,28). É a mulher disponível para servir, é a serva do Senhor, pois vai “apressadamente” a uma cidade da Judeia para ajudar sua parenta Isabel que concebeu um filho na velhice (1,39). É também a discípula exemplar que segue Jesus na sua vida pública (8,19-21), até a cruz (Jo 19,25-27), a cantora das maravilhas de Deus em favor dos pobres (Lc 1,46-55). Nas bodas de Caná, partilha as alegrias e as esperanças da vida humana (Jo, 2,1-10) e é membro eminente da primeira célula da Igreja (At 1,14). Uma

mulher, sem vez e sem voz, celebra a beleza da sua maternidade (Lc 11,27), destacando que todos os dons, recebidos por Maria, estão em função do Filho de Deus que ela gerou.

Inácio provavelmente conhece tudo isso, embora não o expresse em suas cartas, porque o seu objetivo é outro. Destaca, com vigor, que Maria é uma mulher da estirpe humana, virgem e mãe verdadeira do Verbo. Ele faz uma síntese dos textos referentes ao mistério do advento do Messias, espalhados no Novo Testamento. Salientando que Jesus é “da estirpe de Davi”, repete o que se lê na carta de Paulo aos Romanos (1,3); falando da “economia” e do “silêncio” de Deus, usa expressões que aparecem nas cartas paulinas aos Romanos e aos Efésios. Muitas exortações com as quais condena os hereges, são inspiradas no Novo Testamento, conhecido por ele em profundidade. De fato, a luta que ele trava contra a gnose está presente em muitos documentos neotestamentários, em particular nas duas primeiras cartas de João, redigidas na mesma região de Éfeso, onde Inácio residiu por certo tempo, na sua viagem para Roma.

A atualidade da mensagem de Inácio no mundo de hoje é indiscutível. O homem contemporâneo se considera o centro da realidade e aceita somente o objeto da sua experiência direta, desacreditando tudo o que pertence à esfera sobrenatural. Fica necessariamente perplexo diante do anúncio da encarnação do Verbo. Sua reação primária é a rejeição, procurando uma ilusória salvação com suas próprias forças, interpretando, às vezes, as Escrituras com falsa sabedoria, de acordo com a sua visão pré-constituída da realidade. É possível, pois, afirmar, com as devidas distinções, que existe também uma gnose moderna. O conhecimento que salva é a ciência e a técnica, única e absoluta sabedoria que pode dar uma resposta a todos os problemas humanos. À diferença da

antiga gnose, porém, a salvação não consiste mais em sair deste mundo para entrar no *pléroma* divino, mas no esforço para criar um mundo melhor, obra exclusiva do homem, sem necessidade de Deus. O conhecimento não é mais reservado a poucos eleitos, mas é oferecido a todos que aguardam, no futuro, a vitória sobre as doenças e a própria morte^[16]. Trata-se de uma grande quimera, aceita de forma simplória quando falta a perspectiva transcendente que dá sentido à vida humana. Por isso, o cristianismo é esvaziado a partir do seu núcleo essencial.

O risco, hoje, é que cada um construa um Jesus que corresponda às suas necessidades pessoais, desligado do anúncio evangélico e da concretude da sua humanidade, um Jesus que satisfaz desejos e sonhos particulares. Então, um Jesus sem Igreja, sem ministros e sem sacramentos. Torna-se sempre mais lógico pensar que Jesus seja um simples profeta, cuja fama se espalhou para o mundo afora, e que o reino de Deus se identifique com a utopia de um mundo melhor. Inácio nos reconduz ao verdadeiro Jesus, Verbo encarnado e filho de Maria, alicerce da vida cristã autêntica. Dessa forma, lembra que a existência deve ser aceita na sua realidade e dramaticidade, sabendo que pela cruz se chega à ressurreição. Para ele, a verdadeira gnose é Cristo, no qual “se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2,3), pois “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (2,9).

A sobriedade com que Inácio fala de Maria é também significativa, porque nos preserva do perigo de transformar a devoção em devocionismo, considerando Maria quase como

[16] G. MUCCI, Mito e pericolo della gnosi moderna, in *La Civiltà Cattolica* 143,1 (1992/3397), 14-21; cf. G. FILORAMO, La gnosi ieri e oggi, in *Credere oggi*, <http://www.credereoggi.it/upload/2007/articolo159_21.asp>.

uma deusa poderosa que oferece proteção e pode transformar em alegrias as amarguras da vida. Inácio, como seu realismo, nos lembra que o valor de Maria depende do seu Filho, o Verbo encarnado, a intervenção misteriosa e imprevisível de Deus na história humana decaída pelo pecado. Maria está no centro da economia da encarnação, mas aponta para Jesus.

É útil também destacar a firmeza com a qual Inácio censura as heresias que se manifestam na sua época. Essa atitude deveria encorajar os cristãos do nosso tempo a desmascarar os erros da mentalidade laicista e agnóstica que impera neste mundo. O clima de tolerância atual no qual, em nome da liberdade, quase tudo é permitido, não ajuda a caminhada cristã, nem estimula o ser humano a se questionar sobre os verdadeiros valores da existência.

